

VINGANÇA D'UM FILHO

LUTA DO DIABO COM: ANTONIU SILVINO E



À venda, Rua do Alcaide 54

2
J



LEANDRO GOMES DE BARROS

LUTA DO DIABO COM ANTONIO SILVINO.

Outro dia eu converçando
Com um velho do sertão,
Esse disse: Antonio Silvino,
A tudo causa impressão
Sua vida é um mysterio,
Que chama tudo attenção.

Porque a 18 annos
Elle vive n'essa lida
O governo emprega tudo
Afim de ver se o liquida,
Porem o homem é de ferro
Não ha quem lhe tire a vida.

Porque durante esse tempo
O governo anda atraz d'elle
As forças tem o cercado,
Porem ninguem pegou elle
E não ha um fazendeiro,
Que não tenha sede n'elle.

Até o proprio diabo
Foi um dia experimental-o,
Lutou com elle 3 horas
Mas não ponde suportal-o
E disse: pegar áquelle,
E' serviço p'ra cavallo

A tiro ninguem o mata
Com punhal ninguem o fura
Para o couro de um d'aquelle
Não se encontra faca dura
Não ha sol que elle ache quente
Nem noite que seja escura

Não ha soldado valente
Nem subtil para o cercar,
Nem no matto existe cobra
Que se atreva o emboscar
As almas do outro mundo
Não vão onde elle passar

O homem que elle jural-o
Esse é logo moribundo,
Elle é subtil como o ar
E conhece tudo a fundo
Os tiros do rifle d'elle
Se ouvem no outro mundo.

Eu julgava que esse homem
Não fosse como se diz,
Porem já hoje acredito
Que é o maior do paiz,
Em dinheiro é o mais rico
Em sorte é o mais feliz.

Disse-me um velho que elle
Morre velho e ninguem o pega,
Força cerca-o elle resiste
Mata tudo e não se entrega,
O couro bala não fura,
A roupa d'elle escorrega

Segundo disse este velho,
Podemos acreditar
Até o proprio diabo
Tem vontade de o pegar.
Vem ao mundo causa as pernas
Volta sem nada levar.

Escolheram no inferno
Um diabo mais ladino,
Então fizeram a escolha
No mais esperto e mais fino
Para vir aqui no mundo
Buscar Antonio Silvino.

E veio com carta branca,
Jurou por a'ima do pae
Tanto que o diabo disse:
Quero ver si elle não cai
Eu tenho uma fé robusta
N'esse portador que vai.

E o diabo que seguiu
Era um diabo passado,
Discipulo da sogra d'elle,
Devia ser refinado,
Nas profundas do inferno
Um século tinha estudado.

Antonio Silvino estava
Dentro do matto dormindo
Ouviu a terra rangir
E um negro vir saindo,
Da bocca d'elle se via
A labareda subindo.

Então Antonio Silvino
Exclamou dentro de si
Que novidade é aquella?
O que será isso aqui?
Pois semelhante armação
N'este mundo eu nunca vi.

Quem és? perguntou Silvino,
Que vens sahindo da terra?
É's alma do outro mundo?
Estais perdido n'essa serra?
Si andas atraz da desgraça
Procure um campo de guerra.

Disse o vulto: se prepare,
Não admitto pilheria,
Gosto pouco de brinquedo,
Sou pessoa muito seria
Me chamo Mané Diabo,
Sou do paiz da miseria.

E venho aqui ao senhor
Tratar de muitos assumptos,
O senhor ha de arrumar-me
Trinta ou quarenta defuntos
D'aqui a cinco ou seis mezes
Quero que me arrume muitos.

Silvino ahi se benzeu,
E fez o pelo signal,
Pôz o rifle na agulha
E preparou o punhal,
O individuo lhe disse:
Meu velho você vai mal.

Então perguntou-lhe o negro
O senhor não me respeita?
Se benze perto de mim
Esta acção não está bem feita
O senhor é ma' eriado
Ou já e' tá na nova seita.

Então Silvino lhe disse:
Vá procurar outro rancho
Miseravel sem ventura
Senão en hoje o d' smancho,
Passo-lhe aqui este rifle
Dou-lhe um tiro que o escaucho.

Ahi o negro partiu
E disse: vamos a ella
Eu hoje levo você
Ja deixei prompta a panella
Seu fato é para buchada,
O sangue p'ra cabidella

Antonio Silvino disse:
Chame mais dez companheiros
Volte que eu fico esperando
Coti douts ou treis cangaceiros
Chame seu pae para ver
Como os tiros são certos

Então o diabo disse:
Eu já lutei com dez frades,
Rasguei mantos de dez freiras,
Batinas de vinte padres,
Fiz a barba de um beato
Assombrei setenta abbades

Antonio Silvino disse:
E eu já fiz o diabo
Agarrar-se com a cruz
Si não eu dava-lhe cabo,
Escorregou me nas u'has
Que só sabão ou quiabo.

Ahi partiu ao diabo
Metten-lhe o facão sem do
Disse o diabo comsigo:
Eu não vou bem aqui só
Este desgraçado hoje
Não me deixa nem o pó

Gritou por outro diabo
Dizendo me acabo já
O outro lhe perguntou:
Quem foi que o mandou vir cá?
Você conhece Silvino?
Portanto se arrume lá.

Sou um diabo inda novo
Não aguento repuxo
Brigar com Antonio Silvino
Não é brinquedo nem luxo
Elle já foi no inferno
E quase me traz no bucho.

No outro dia o diabo
Escreveu a Antonio Silvino,
Dizendo o senhor desculpe
O que fez lá meu menino,
Que eu mandei elle no mundo,
E foi fazer desatino.

Foi lutar com o senhor
Disendo que era eu
Foi roubo de minha firma
Elle é cunhado meu,
Portanto pesso desculpa
Si acaso elle o ofendeu.

Foi la comprar umas almas
Que eu ja estou desprevenido
Devido a um a murrinha,
Que aqui tem aparecido,
De uns seis mezes para cá
Quazi todas têm morrido.

Eu mesmo queria ir
Mas ando tão occupado
Consultei a minha sogra,
Para mandar meu cunhado
Ignorava que elle,
Fôsse tão precipitado.

Das compras que elle fez la
Não chegou uma perfeita
Trouxe almas de mil sogras
Duas mil de nova-seita
Cento e quatorse de frades
Toda a compra foi mal feita.

O que fez foi formar luta
Contra vosa senhoria
É eu aqui innocente
Que nada disso sabia
Fallei quando elle chegou
Que o senhor não avalia

Secretaria infernal
Em quatro de Fevereiro,
De nove centos e nove
Do creado verdadeiro
Chico Diabo da Silva
Nova ceita feiticeiro:

Silvino mandou dizer,
Que aquella vez desculpava-o
Si elle mandar mais outro
Elle ca estrangulava-o
O rifle d'elle seria
O portador que levava-o

Isso agora sua sogra
Você e mais sua raça,
Se chegar mais um aqui
Talvez não goste da graça
Si en baixar-lhe o rifle velho
S he tudo na fumaça

Meu rifle é velho porem
Onde foi casa é tapera,
O que é ruim não tem jeito
O que é bom não degenera
E o que eu digo por graça,
Inda sustento por véra.

O diabo no inferno
Recebeu esse recado
E disse para elle entrar
O inferno está trancado,
O céu que o tenha por lá
En cá estou bem descansado.

Disse o velho dessa forma
Quem se atteve a dar-lhe fim,
O diabo corre d'elle
Que é que acaba elle assim
O corpo d'elle é de aço
Os braços são de marfim.

VENGANÇA DE UM FILHO.

Arnaldo era um menino,
Que a seus pais não conheceu
Um barão matou-lhe os pais.
E tuve o que era seu
Não matou também Arnaldo
Porque alguém o escondeu.

Andreza a mulher de um cego,
Criou Arnaldo escondido.
Jurou perante o barão,
Que Arnaldo tinha morrido
Quando o pai d'elle morreu.
O rio tinha-o conduzido

Tanto Andreza como o cego
Tinham torlo espontamento,
Mas o barão obrigou-os
A prestarem juramento,
Para nunca descobrirem
Aquelle acontecimento.

Porem Andreza escreveu
Toda a scena que foi dada
A fortuna que Antão tinha
Da forma que foi roubada,
O anno, o mez e o dia,
Sem uma palavra errada.

E fora-n criando Arnaldo
N'uma extremosa pobreza
Veze o cego chorava
Converçando com Andreza,
Exclamando esta criança
Tão podre tendo riqueza

Disseram um dia a Arnaldo
Que elle tinha sido exposto,
O menino entristeceu
Fugiu-lhe o sangue do rosto
Chegou em casa doente
Tão grande foi o desgosto.

Andreza ficou afflicta
Por ver que Arnaldo soffria,
Perguntava com carinho
Em que parte lhe doia,
Nada me doi, minha mãe
Era o que elle respondia.

Meu filho diga o que soffre
Não me faça assim penar,
Arnaldo disse minha mãe
Promete não me faltar?
Si a um esclarecimento
Que quero lhe perguntar?

Meu filho existem segredo
Que eu não os posso dizer
Oh minha mãe nem teu filho
Disso poderá saber
Abreviarei meus dias
Si ninguém me esclarecer
O que queres que te diga?
Andreza lhe perguntou
Disse-lhe Arnaldo a senhora,
Conhece quem me enfeitou?
Sabe quem foi esse ente
Quem em seu poder me deixou?

Meu filho: disse-lhe Andreza
Você não foi enfeitado
Sua mãe morreu com febre
Seu pai morreu afogado
Eu o tomei com 6 meses
Você já veio batizado

Porém porque minha mãe
Me esconde do senhor barão?
Disse-lhe Andreza: por elle
Ser homem de posição
Odeia as crianças pobres
Mata-os até na prisão.

Onze annos n'esse dia
Arnaldo ia completar
O barão appareceu
Sem ninguém o esperar.
Estava Andreza com Arnaldo
E não ponde o occultar.

O barão mirou Arnaldo
E prestou toda attenção,
E disse dentro de si,
Aquelle é filho de Antão
O diabo d'essa velha,
Foi quem fez essa traição.

Perguntou elle a Andreza
Quem era aquelle menino
Disse Andreza é meu sobrinho
Filho do mano Paulino
A mãe d'aquelle morreu,
Deixou-o bem pequenino.

O barão disse consigo
Esse é filho de Antão,
Sem ser filho não podia,
Ter tão igual a feição
E si eu não der-lhe fim
Terei pesada questão.

Demorou-se alli um pouco
Com Andreza converçando,
Perguntou si o cego velho,
Andaria viajando
Porem a vista em Arnaldo
Ligeiramente passando.

Chegou em casa e chamou
Um cabra muito assassino
Disse você hoje vá,
Matar o cego Firmino
Mate a mulher d'elle e olhe:
Não deixe vivo o menino

Andresa com o menino
Tinham de casa saído
O cego depois chegou
Já estava o cabra escondido,
Atirou-lhe elle não sabe
Porque teria morrido,

O cabra correu a casa
Porem ninguem encontrou
Sem duvida foi a passeio.
Foi o que elle calculou,
Andresa conheceu elle
Não foi em casa voltou.

O cabra carregou a arma
E no matto se escondeu,
Eram 6 horas da tarde,
Quando esse facto se deu,
As 7 horas da noite,
O cascavel o mordeu,

O cabra viu-se mordido
Corre á casa do barão
Contou-lhe todo occorrido
E pedindo confissão,
Acabaram de matal-o,
N'essa mesma occasião.

A noticia se espalhou
Que o cego tinha morrido
E Andresa e o menino
Tinham desaparecido
O barão fingidamente
Mostrou-se muito sentido

O barão não se lembrou
De ao cabra ter perguntado
Si Andresa e o menino
Não teriam se acabado,
Porem não appare em
Jamais teriam escapado

Quando o pôvo estava junto
Onde foi o crime dado,
Andresa pela cusinha
Foi ao quarto reservado
Trouxe o bahu onde tinha
O documento guardado.

No dito bahu contiua
Uma importante escriptura,
Trinta e seis lettras do banco,
Sertidão da escravatura,
A chave de uma questão
Andresa tinha segura.

Quando se deu esse crime
Em casa do pae de Arnaldo
Andresa ha uns cinco mezes
Tinha n'ella se empregado
A mãe de Arnaldo empregou-a
Como ama de engomado.

O barão do Campo Verde
Nesse tempo era um ninguem
De animais tinha um cavallo
Dinheiro nem um vintem
E quem conhecia elle
Dezia não ser de bem.

Era filho da Hespanha
Porem la não foi criado
Em Portugal uma vez
Foi elle sentenciado
Fugiu na vespera do dia
Que ia ser fuzilado.

Em um navio elle vio
Um parente marinho
Que occupava no navio
O lugar de cozinhheiro.
E trouxe-o para o Brazil
Deixou-o no Rio de Janeiro

Elle fez todos os ca culos
E depois disse comsigo:
Eu ficar n'essa cidade
Não se dá maior perigo,
Si en for preso a Portugal
Mandam acabar commigo

Indo para Sieteroy
Passou um anno empregado
Precisando viajar
Tomou um burro emprestado,
Inda hoje o dono espera
O burro não é chegado.

Continua na Noiva do Gato.

No prélo: A Noiva do Gato
e O Principe e a Fada.

6047

AGENTES:

- Rio Branco—Manoel Vianna.
- 1 Manaus—Benjamin Cardoso.
- 1 Caruarú—João de Barros.
- 1 Pesqueira—José Liberal.
- 1 Pombal (Parahyba)—Camillo X. de
Farias.

LCB